

Tarifas de Trump podem ser início de guerra comercial destrutiva, dizem economistas

Por **Anaís Fernandes**, Valor — São Paulo

02/02/2025 18h32 - Atualizado há um dia

A decisão do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, de impor tarifas sobre Canadá, México e China a partir desta terça-feira (3) pode marcar o início de uma nova guerra comercial global que comprometa o crescimento no mundo e traga volatilidade aos mercados, movimentos dos quais o Brasil não ficaria imune, apontam especialistas.

Trump anunciou no sábado (1) tarifas de 25% para o Canadá (com isenção parcial para importação de energia) e México e uma tarifa adicional de 10% para a China.

"Para o mundo, o risco é que isso marque o início de uma nova guerra comercial, algo que vimos na segunda metade do primeiro governo Trump, o que reduziu o crescimento global em 2019. Nesse sentido, podemos observar um período de menor crescimento no mundo, além de uma maior aversão ao risco e aumento da volatilidade nos mercados", diz Silvio Campos Neto, economista da Tendências Consultoria.

"Isso afetaria o Brasil por esses canais, o menor crescimento mundial e um ambiente mais nervoso, afetando os fluxos de capitais e mantendo o dólar mais valorizado", afirma.

Paul Ashworth, economista-chefe para América do Norte da Capital Economics, diz, em relatório, que a decisão de Trump "é apenas o primeiro ataque no que pode se tornar uma guerra comercial global muito destrutiva". "Não esperamos nenhum acordo para que essas tarifas sejam removidas tão cedo, embora seja possível que mais setores possam ser adicionados à isenção", diz.

Segundo a Capital Economics, Canadá (US\$ 419 bilhões), China (US\$ 427 bilhões) e México (US\$ 475 bilhões) juntos representam 43% ou US\$ 1,3 trilhão do valor de US\$ 3,1 trilhões de mercadorias importadas para os EUA em 2023, sendo que as importações do Canadá incluem US\$ 124 bilhões em energia e minerais. "O resultado é que esse anúncio de tarifa por si só já é cerca de três a quatro vezes o tamanho do original de 25% imposto em pouco menos da metade das importações da China em 2018 e 2019", observa Ashworth.

Como as exportações para os EUA representam cerca de 20% do PIB do Canadá e do México, diz Ashworth, as tarifas impostas podem mergulhar as economias em recessão ainda neste ano.

"Mesmo permitindo uma nova depreciação do dólar canadense, estimamos que a tarifa de 25% sobre o Canadá atingirá as exportações, o investimento e o consumo, resultando em um declínio de 2,5% a 3% no PIB. As finanças públicas, no entanto, estão em boa forma, e o Banco do Canadá tem espaço para cortar as taxas de juros em pelo menos mais 50 pontos-base [0,50 ponto percentual]. O resultado é que o forte estímulo fiscal e monetário deve limitar a gravidade de qualquer recessão", afirma Ashworth.

Para o México, no entanto, a inflação gerada por um peso mais fraco deve impedir o Banxico (banco central do país) de cortar mais as taxas de juros, enquanto a política fiscal precisa ser apertada, diz Ashworth.

"Como resultado, embora esperemos que o impacto no PIB mexicano seja mais próximo de 2%, há pouco espaço para compensar o impacto tarifário afrouxando a política [monetária e fiscal]", afirma.

Já as exportações da China para os EUA representam menos de 3% do PIB chinês, e uma tarifa adicional de 10% não terá muito efeito na economia do gigante asiático, diz Ashworth.

Para os EUA, a inflação resultante dessas tarifas, além de outras medidas futuras, deve vir ainda mais rápido e ser maior do que a Capital Economics esperava inicialmente.

Os custos do setor automotivo americano, por exemplo, devem disparar, dado que as peças cruzam as fronteiras várias vezes durante o processo de produção, diz Ashworth.

Para ele, as importações da União Europeia também devem ser alvo de medidas de Trump dentro de um ou dois meses e uma tarifa mais universal chegaria em abril. "A determinação de Trump em forçar tarifas substanciais sobre supostos aliados menos de duas semanas após assumir o cargo, apesar da oposição de alguns moderados dentro de sua administração, é uma indicação clara de que a briga será de verdade desta vez", afirma Ashworth. "Até onde isso vai agora é uma incógnita. Mas a tarifa efetiva sobre todas as importações dos EUA já está em torno de 10%, pela primeira vez em mais de 75 anos, com muito mais por vir", diz.

A equipe do Barclays para Estados Unidos estima que uma tarifa unilateral de 25% sobre importações mexicanas e canadenses, isoladamente, aumentaria índices de inflação americanos em cerca de 0,25 ponto percentual (p.p.), em termos anuais. As tarifas à China adicionariam mais 0,10 a 0,15 p.p., levando o impacto total sobre a inflação para 0,35 a 0,40 p.p.

Os efeitos sobre a economia dos EUA também podem ser significativos, dizem, dada a probabilidade de interrupção em cadeias de suprimentos (especialmente montadoras e refinarias de petróleo nos EUA), incerteza comercial, retaliação tarifária e dólar fortalecido, o que atuaria como um "imposto implícito" sobre as exportações dos EUA para esses países. Trump utilizou a Lei de Poderes Econômicos de Emergência Internacional (IEEPA, da sigla em inglês) para impor as tarifas, o que é uma "aplicação nova" do instrumento, nota o Barclays. Por isso, os analistas consideram ser "bem provável" que o assunto vá parar no judiciário, que pode suspender as medidas, ao menos temporariamente.

"Caso a autoridade do presidente para colocar importações sob o IEEPA seja confirmada pelos tribunais, nossas estimativas iniciais seriam consistentes com um impacto temporário ao crescimento do PIB dos EUA de cerca de 25 a 50 pontos-base [0,25 a 0,50 pp.p.], em termos de quarto trimestre contra quarto trimestre", dizem.

Considerando as tarifas anunciadas, as iminentes a serem impostas à UE e a tarifa universal em breve, a Capital Economics acha que a inflação dos EUA voltará a ficar acima de 3% já em 2025.

Nessas circunstâncias, a janela para o Federal Reserve (Fed, o banco central americano) retomar o corte das taxas de juros em qualquer momento nos próximos 12 a 18 meses "simplesmente se fechou", diz Ashworth. "Como as novas tarifas representam um aumento único no nível de preços, e não um aumento contínuo na taxa de inflação, pelo menos enquanto os efeitos de segunda ordem forem limitados e as expectativas de inflação permanecerem bem ancoradas, o Fed não precisa reagir de forma exagerada. No entanto, qualquer chance de mais cortes nas taxas de juros este ano simplesmente morreu", afirma.

Os exportadores americanos também seriam prejudicados por um dólar mais forte, nota Ashworth, mas a retaliação de outros países, provavelmente, será modesta, pelo menos inicialmente, para evitar inflamar as tensões, afirma.

As receitas com as tarifas, por outro lado, podem chegar a quase US\$ 250 bilhões por ano, ou 0,8% do PIB, segundo a Capital Economics. Seria significativo para a economia dos EUA se essas receitas fossem usadas para reduzir o déficit federal, em vez de "reciclá-las" na economia cortando impostos ou aumentando os gastos, diz Ashworth.

Em um relatório divulgado antes do anúncio de Trump, a equipe de América Latina do Barclays observou que Trump está usando a política comercial para atingir objetivos não comerciais. "Por décadas, a política comercial foi usada para lidar com questões comerciais. No entanto, Trump começou a usar a posição privilegiada dos EUA como o maior consumidor do planeta para atingir objetivos não relacionados ao comércio. Um exemplo recente foi a troca de mensagens agressivas entre os presidentes dos EUA e da Colômbia, Trump e [Gustavo] Petro, no último fim de semana", afirmam.

E Trump parece estar alcançando seus objetivos, dizem. "O governo mexicano tem cooperado recentemente com o governo dos EUA em imigração, segurança e comércio, com desenvolvimentos recentes como a maior apreensão de fentanil da história e o lançamento do Plano México, que, entre outras coisas, visa reduzir as importações e investimentos chineses, bem como impulsionar o conteúdo regional da manufatura", afirmam.